



CAPA

BOLSONARO AGRADECE

COMBINADO COM LULA, HADDAD VAI À LUTA POR OUTRA CANDIDATURA PRESIDENCIAL. AS REAÇÕES MOSTRAM QUE O CAMPO PROGRESSISTA ESTÁ IGUAL AO CONSERVADORISMO NÃO BOLSONARISTA: UMA BAGUNÇA

por ANDRÉ BARROCAL E ANA FLÁVIA GUSSEN



ALAN SANTOS/PR E LEVI BIANCO/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

Este ano não há Carnaval em quase nenhum canto do Brasil, obra da pandemia, mas um certo bloco começou a desfilar nos últimos dias, o de Fernando Haddad. O petista, 58 anos completados em janeiro, passou a dar mais entrevistas, a planejar viagens pelo País. O objetivo é construir mais uma candidatura presidencial, missão combinada com o padrinho Lula, para quem o tempo é curto até a eleição. Pesquisa recém-divulgada por encomenda dos mercadistas da XP Investimentos indica que, se a disputa fosse hoje, estaria tudo embolado contra Jair Bolsonaro. Este surge com 28% das intenções de voto, Haddad e Sergio Moro com 12%, e Ciro Gomes, com 11%.

Nas aparições pré-folia, o ex-prefeito paulistano disse que o “antibolsonarismo

é muito maior hoje” do que o antipetismo, que o Brasil precisa de mais gasto público para melhorar a vida das pessoas e sair do buraco, que a mídia defende o ultraliberalismo do ministro da Economia, Paulo Guedes, e deveria aceitar o receituário no próprio setor. Ao desportar, na quarta-feira 10, no programa de tevê *Manhattan Connection*, reduto anti-Lula, bateu boca com Diogo Mainardi. Este o chamou de “poste de ladrão”, referência à relação com Lula, e o ex-ministro da Educação rebateu: “Acho você uma pessoa muito problemática, inclusive psicologicamente”.

As resistências a Haddad e ao PT não se limitam ao conservadorismo nacional (embora Mainardi tenha dito que votaria nele em um segundo turno contra Bolsonaro). No campo progressista, reina a bagunça. A união entre PCdoB, PDT, PSB, PSOL e PT em torno de uma chapa



UM PRESIDENTE FELIZ DA VIDA NÃO É O QUE MAIS COMOVE O PAÍS

única é miragem. Confusão vista também do outro lado do tabuleiro. O direitismo não bolsonarista, PSDB à frente, lava roupa suja em público, mostra-se débil, incapaz de pôr de pé uma candidatura competitiva. Tudo somado, Bolsonaro ri à toa, enquanto toca seus planos neoliberais e antipopulares, caso da recém-aprovada autonomia do Banco Central, apoiada, ressalte-se, pelos direitistas que dizem querer o ex-capitão fora do poder.

A conversa entre Lula e Haddad que levou o ex-prefeito a botar o bloco na rua (expressão usada pelo primeiro) aconteceu na tarde de 30 de janeiro, um sábado. Havia sido solicitada por Haddad. Nela, segundo relatos, o ex-presidente repetiu o que diz desde a saída do cárcere, em novembro de 2019. O pupilo precisava participar mais da vida nacional, expor-se, fazer valer os 47 milhões de votos de 2018. Lula desejava que Haddad tivesse disputado a prefeitura de novo em 2020, mas o ex-ministro não topou – e este esteve em um só ato de campanha de Jilmar Tatto, anota um cor- religionário. Para não causar rebuliço no partido, Haddad queria dizer que sua entrada em cena agora havia sido pedida pelo ex-presidente, e este concordou. E assim fez o ex-ministro, em uma entrevista dia 4.

Antes da entrevista, Haddad tinha ido a Brasília, reunir-se com deputados, senadores e dirigentes do PT, a fim de comunicá-los do acerto com Lula e, com isso, evitar atritos internos. Ficaria quatro dias. Na passagem pela cidade, surgiu a ideia da primeira parada de seu bloco. Pelo combinado, ele estará em Minas Gerais nos dias 24 e 25. Encontrará prefeitos e parlamentares petistas, sindicalistas, líderes de movimentos sociais, todos ansiosos por ajuda para enfrentar a provável candidatura à reeleição do governador bolsonarista Romeu Zema, do Novo. Organizar o PT nos estados e pensar em palanques para as campanhas de 2022 são tarefas que petistas esperam que Haddad cumpra.

A costura do ex-prefeito parece ter conseguido impedir queixas públicas de petistas preteridos ou que não



CAPAS

gostam dele, mas algumas foram ouvidas nos bastidores. Há quem ache que Lula e Haddad tiveram seu tempo, é hora de buscar rostos novos. Encaixam-se nesse grupo figuras como o gaúcho Tarso Genro, há anos em busca de espaço para si próprio, e o governador do Ceará, Camilo Santana, a imaginar uma aliança com Ciro. Para um colaborador antigo de Lula e que em 2018 era contra lançar Haddad, o partido não tem opção melhor. O governador da Bahia, Rui Costa, não se esforçou por cativar os companheiros. Seu antecessor, Jaques Wagner, não tinha apetite em 2018 nem agora, e acaba de ser lançado para suceder Costa. Santana é cirista. O governador Wellington Dias é de um estado muito pequeno, o Piauí. No Senado, o PT não brilha. E por aí vai.

Segundo o mesmo colaborador lulista, o ex-presidente ficou uma fera com a repercussão sobre o bloco na rua de Haddad. A impressão generalizada é de que Lula desistiu de concorrer, mas ele está doido para disputar. Só que ficou mais difícil, e essa é uma das razões para ter liberado o pupilo para dar as caras. O obstáculo é o Supremo Tribunal Federal. A Corte, tudo indica, logo vai declarar que Sergio Moro agiu contra Lula no caso do tríplex do Guarujá, antessala da anulação da condenação. Na terça-feira 9, a segunda turma do STF deu um aperitivo, ao confirmar, por 4 a 1, a decisão de Ricardo Lewandowski de dar acesso a Lula às conversas secretas de Moro, Deltan Dallagnol e cia. apreendidas pela Polícia Federal com *hackers*.

Para recuperar o direito de candidatar-se, Lula precisaria que o Supremo anulasse ainda a sentença no caso do sítio de Atibaia. Esse processo foi conduzido por Moro, mas a condenação é da substituta do ex-juiz, Gabriela Hardt. Um emissário lulista esteve em dezembro com Gilmar Mendes, peça-chave para o petista no Supremo, e sentiu que o juiz está disposto



Dino, Boulos e Gomes contra Bolsonaro, mas...



a resolver apenas o caso do tríplex. Do sítio, não. Para esse segundo processo, seria necessário, digamos, negociar com Mendes. E este foi claro ao site Jota na terça-feira 9: “Vamos discutir apenas a condenação do tríplex e, se essa condenação cair, ela afasta a inelegibilidade (*de Lula*) nesse caso. Em outros, terá que haver uma nova discussão e um novo exame”.

Haddad não é o único plano B de Lula.



Há outro, fora do partido. É o que conta o colaborador do ex-presidente: “O Lula vai trabalhar por uma frente ampla em torno do Flávio Dino”. O governador do Maranhão é do PCdoB e, nos sonhos de Lula, migraria para o PSB, sigla mais robusta e sem “comunista” no nome, palavra satanizada por Bolsonaro. Dino é visto pelo ex-presidente como alguém capaz de conquistar votos na classe média não petista

MARCOS CORRÊA/PR, MATEUS BONOMI/AGIF/AF, DANIEL RAMALHO/AF, SAÚLO CRUZ/SEFOTÉ, ROQUE DE SÁ/AG. SENADO



e não bolsonarista e o apoio do que ainda houver de empresário nacionalista. De quebra, seria, quem sabe, poupadão dos ataques de Ciro Gomes, pois ambos se dão bem e Dino até achava que o petista era o melhor nome progressista em 2018.

Dino já falou algumas vezes com o presidente do PSB, Carlos Siqueira, sobre trocar de casa. A última foi em dezembro. Segundo relatos, os dois não abrem o jogo claramente. O governador não diz que quer entrar no partido para concorrer à Presidência, enquanto o PSB mostra que topa abrigá-lo, mas sem oferecer uma candidatura. Siqueira, aliás, diz que o tema “sucessão” não surge nas conversas. Que em breve sua sigla filiará alguém de fora da política, de olho em uma chapa própria. E que um possível apoio petista a um Dino competidor pelo PSB não faz diferença. “Não tenho preconceito contra o PT, mas o PT perdeu a condição de liderar uma frente ampla, o que lamento”, afirma. “O PT tem o direito de errar, lançando candidato próprio, mas nós temos o dever de não acompanhar.”

“Qual o programa e quais as alianças para derrotar Bolsonaro? Pois se há uma coisa que não temos ‘direito’ é de perder novamente para ele e prolongar tantas tragédias”, tuitou Dino. Os dirigentes

BOULOS ESCRVEU: “O MELHOR CAMINHO PARA A ESQUERDA ESTÁ NA UNIDADE PARA ENFRENTAR BOLSONARO”

de partidos progressistas tiveram reação similar à de Dino e Siqueira ao bloco de Haddad. Acham um direito do PT lançar competidor, mas não mostram interesse em embarcar na canoa e ainda criticam a falta de um programa de governo em torno do qual dialogar.

“Antes de ter nome tem que ter projeto. Desde Ciro temos um projeto nacional desenvolvimentista”, diz Carlos Lupi, presidente do PDT. Lupi tenta uma aliança mais ampla, dialoga com PSB, Rede e PV. Ciro achava razoável até ir atrás do DEM, antes do desastre de Rodrigo Maia na Câmara. “Qual a política de alianças que o PT quer?”, indaga Lupi. “Não vejo nenhuma atitude do PT para sair do isolamento.” Para o senador Cid Gomes, irmão de Ciro,

o PT está “estigmatizado” e deveria abrir mão de uma chapa própria, como fez na Argentina Cristina Kirchner, atual vice-presidente. A propósito: o presidente de lá, Alberto Fernández, participará dia 22 de um dos eventos comemorativos dos 41 anos do PT. Uma conferência sobre a perseguição da Lava Jato a Lula.

Luciana Santos, presidente do PCdoB, acredita que a situação política está tão desfavorável aos progressistas, que é necessário tentar uma aliança com conservadores não bolsonaristas. Detalhe: a vice de Haddad em 2018 era do PCdoB, Manuela d’Ávila. “Dificilmente teremos uma alteração da correlação de forças em um ano a ponto de o nosso campo isoladamente vencer as eleições. Vai ser necessária uma frente”, afirma. Alianças dificultadas pela chamada cláusula de barreira, que restringe o acesso dos partidos ao Congresso, um pepino para o PCdoB desde 2018.

A cláusula também pesa para o PSOL, embora seu presidente, Juliano Medeiros, diga que não afetará a decisão sobre a sucessão de Bolsonaro. Os psolistas não querem saber de se aproximar dos conservadores de PSDB, DEM e MDB. Preferem uma frente progressista puro-sangue. Por ora, não há decisão quanto a lançar Guilherme Boulos de novo. Sucesso na eleição paulistana de 2020, Boulos alfinetou o PT, por causa do bloco de Haddad. “O melhor caminho para a esquerda”, escreveu ele, é “unidade para enfrentar Bolsonaro. Para isso, antes de lançar nomes, devemos discutir projetos.”

Na abertura dos festejos pelos 41 anos do PT, na quarta-feira 10, a presidente petista, Gleisi Hoffmann, disse que o partido quer algum tipo de união com Ciro, Boulos e Dino. Uma liderança petista indignou-se com as críticas destes dois últimos de que o PT fulanizou o debate e não tem uma programa para colocar na mesa de negociações. A dupla está em campanha há dois anos, por que Haddad não poderia entrar em



Um contraste já costumeiro. ACM Neto tripudia sobre a melancolia do demista



CAPA

campo? É o que essa liderança questiona. Aliás, essa fonte conta que Ciro não fala com Haddad desde a eleição, embora tenha conversado com Lula em setembro de 2020, em reunião de sinceridade de parte a parte quanto às mágoas mútuas. A mesma fonte acha injusta a alegação de que falta programa aos petistas.

O PT lançou em setembro um “Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil”, ponto de partida das manifestações e negociações que serão feitas por Haddad. É um documento de 210 páginas, elaborado por um órgão interno, a Fundação Perseu Abramo, com a colaboração de 500 pessoas. Pau puro no “capitalismo neoliberal”, aplicado em doses crescentes desde o governo Temer, e no ódio, machismo e homofobia destilados pelo bolsonarismo. Contra pobreza, desemprego e iniquidade, prega mais gasto público. Investir na melhoria dos serviços públicos seria também uma oportunidade de reinustrialização. Conter a devastação ambiental, uma urgência. Idem taxar mais os ricos. Essa visão sobre justiça tributária foi a base de uma proposta de reforma apresentada no Congresso pela oposição progressista em outubro.

Haddad comanda o conselho curador da Fundação Perseu Abramo e, em 17 de janeiro, participou de um debate na web

UM PLANO DE RECONSTRUÇÃO DO BRASIL, ELABORADO PELO PT, TOMA POSIÇÃO CONTRA O NEOLIBERALISMO, O MACHISMO E A HOMOFOBIA BOLSONARISTAS

com o presidente da fundação, o ex-senador Aloizio Mercadante, a respeito do plano. Na ocasião, disse que a política econômica de Guedes é de destruição do Estado e “tem o apoio daquilo que a imprensa chama de centro, mas que, na verdade, é centro-direita, que não deveria ter vergonha desse nome”. PSDB e DEM, prosseguiu, “fazem jogo de cena tentando se diferenciar do Bolsonaro, (mas) estão apoian- do uma política econômica que vai condenar este país ao subdesenvolvimento”.

A aprovação definitiva da autonomia do Banco Central, uma das prioridades de Guedes, mostrou o jogo de cena. Deu 339 a favor e 114 contra, na votação pelos deputados na quarta-feira 10. Os líderes

de PSDB e DEM orientaram voto a favor. Uma festa para o tal “mercado”. É o desejo de seguir o neoliberalismo que deixa a interrogação: se em 2022 houver outro segundo turno entre Bolsonaro e o PT, em quem tucanos e cia. votariam? “Essa é a questão-chave para o ano que vem. Vão votar de novo no Bolsonaro?”, diz o deputado Rui Falcão, ex-presidente do PT.

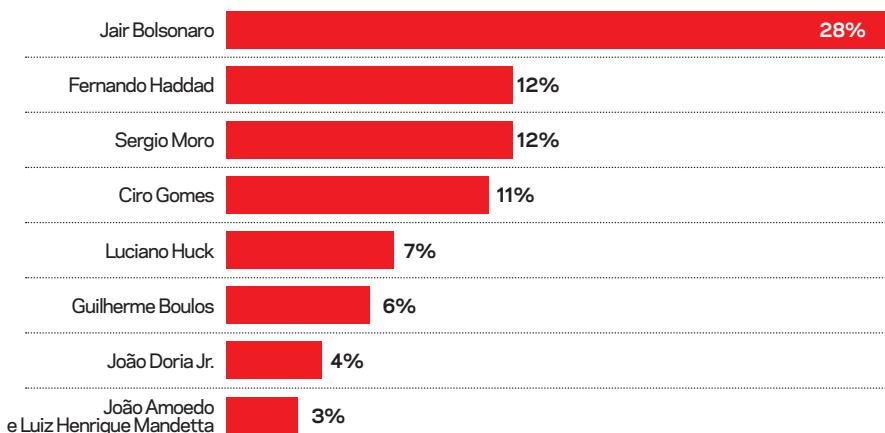
Na véspera da aprovação da lei do BC, o governador de São Paulo, João Doria Jr, tucano que mais se mexe para concorrer ao Palácio do Planalto, havia dito: “A posição do PSDB é posição de oposição ao governo Jair Bolsonaro. Os que não quiserem fazer oposição ao governo negacionista de Jair Bolsonaro peçam para sair do PSDB”. Ilustrativo do jogo de cena citado por Haddad.

Otucanato, como de resto o conservadorismo não bolsonarista, está rachado, como se vê desde as eleições recentes para o comando da Câmara e do Senado. Enquanto o dito “Centrão” abocanhou o que podia em favores de Bolsonaro, o PSDB e o DEM praticamente implodiram. Resultado: brigas públicas. Doria reuniu-se com líderes tucanos no domingo 7 e na segunda-feira 8 e pediu a expulsão do deputado Aécio Neves. O mineiro havia trabalhado para minar o apoio do PSDB, desejado por Doria, ao deputado Baleia Rossi, do MDB, na eleição na Câmara, e pelo voto no líder do “Centrão”, Arthur Lira, do PP, o vitorioso. Em uma mensagem de celular aos deputados do PSDB, Aécio reagiu: Doria quer vestir figurino oposicionista, mas o “BolsoDoria” da campanha de 2018?

Em nome de seus planos presidenciais, o governador quer tomar o poder no PSDB, pediu a degola também do presidente tucano, o ex-deputado Bruno Araújo. Sua vida não está fácil. Liderada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, uma ala tucana quer o governador gaúcho, Eduardo Leite, para rivalizar

O JOGO SUCESSÓRIO HOJE

Pesquisa XP/Ipespe, feita entre 2 e 4 de fevereiro





O mistério de Luciano Huck, que a Globo escala no lugar de Faustão. Doria pretende vestir o figurino oposicionista. Onde fica o BolsoDoria?



GABRIELA BILÓ/ESTADÃO CONTEÚDO E GOVSP

pela candidatura, embora reconheça que tanto um quanto o outro têm pouca expressão fora de seus estados. “O PSDB não vive um bom momento”, diz Arthur Virgílio, ex-senador e ex-articulador político do governo FHC.

Se quer Aécio e Araújo longe, Doria deseja ter Rodrigo Maia no PSDB. O deputado é um parceiro importante do governador em Brasília, mas a derrota acachapante de seu grupo na disputa pelo comando da Câmara reduziu-o quase a pó. Traído pelo próprio partido, o DEM, que preferiu ficar com Lira, Maia bateu no presidente demista, ACM Neto, ex-prefeito de Salvador, em entrevista ao *Valor* na segunda-feira 8. “O DEM decidiu majoritariamente por um caminho, voltando a ser de direita ou extrema-direita, que é ser um aliado do Bolsonaro”, afirmou. À *Folha* de cinco dias antes, o baiano havia admitido que o partido apoiasse, em 2022, Bolsonaro, Ciro, Doria e Luciano Huck.

O apresentador é um mistério. Assumir o lugar de Faustão nos domingos globais, uma hipótese no horizonte, o tira-ria do jogo sucessório, mas um artigo publicado por ele dia 6, na *Folha*, mostra que hoje ele está dentro. “É uma pequena plataforma de um eventual candidato”, na opinião do presidente do Cidadania (ex-PPS), Roberto Freire. Este gostaria de filiar Huck. Uma ginástica para, quem sabe, convencer o público de que o global é “de centro-esquerda”, como disse em dezembro o guru político de Huck, Paulo Hartung, ex-governador capixaba e ex-correligionário de Freire. Recorde-se: em setembro de 2019, Huck disse em um evento que “a agenda econômica deste governo é correta”. Como seria uma agenda “mais à direita” do que aquela de Paulo Guedes?

FHC é um dos principais entusiastas de uma candidatura de Luciano Huck. Segundo Rodrigo Maia, estava 90% acertado que o global entraria no DEM. Qual será o bloco do apresentador? •